

**O JORNALISMO LITERÁRIO COMO SUBSÍDIO PARA A COMPREENSÃO
DA GEOGRAFIA DO LIVRO NA LITERATURA BRASILEIRA: O FLANAR
MACHADIANO PELAS REDAÇÕES DO SÉCULO XIX¹**

**LITERARY JOURNALISM AS A SUBSIDY FOR GEOGRAPHIES OF THE
BOOK UNDERSTANDING IN BRAZILIAN LITERATURE: THE
MACHADIAN TOUR THROUGH THE 19TH CENTURY NEWSPAPERS**

**EL PERIODISMO LITERARIO COMO SUBSIDIO PARA LA COMPRESIÓN
DE LA GEOGRAFÍA DEL LIBRO EN LA LITERATURA BRASILEÑA: EL
FLANEAR MACHADIANO POR LAS REDACCIONES DEL SIGLO XIX**

*Sheila Regina Alves Carvalho*²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como objetivo defender que a atuação dos literatos brasileiros na imprensa, período este denominado como jornalismo literário, foi fundamental para a consolidação da literatura nacional, buscando compreender os jornais e revistas do século XIX, no âmbito da Geografia do Livro, como precursores e viabilizadores da edição de livros das obras da literatura brasileira. Por fim, almejamos mapear a geografia das crônicas de Machado de Assis, muitas vezes esquecidas ou coadjuvantes em relação aos romances, mediante o trânsito machadiano pelas revistas e jornais cariocas.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Geografia do Livro; Machado de Assis.

Abstract: The paper aims to defend that Brazilian's literati's work in the press, a period known as literary journalism, was fundamental for the national literature's consolidation, seeking to understand 19th century newspapers and magazines in the scope Geographies of the Book, as precursors and enablers Brazilian literature books edition. Finally, we aim to map the geography of the Machado de Assis chronicles, often forgotten or coadjuvantes in relation to the novels, through Machado traffic by the magazines and newspapers of Rio de Janeiro.

Keywords: Literary Journalism; Book Geographies; Machado de Assis.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo defender que la actuación de los literatos brasileños en la prensa, periodo este denominado como periodismo literario, fue fundamental para la consolidación de la literatura nacional, buscando comprender los periódicos y revistas del siglo XIX, en el ámbito de la Geografía del Libro, como

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da (PPGEO/UERJ), E-mail: sheilacarvalho.geo@gmail.com.

precursores y facilitadores de la edición de libros de las obras de la literatura brasileña. Por fin, anhelamos mapear la geografía de las crónicas de Machado de Assis, muchas veces olvidadas o coadyuvantes con relación a los romances, a través del tránsito machadiano pelas revistas y periódicos cariocas.

Palabras clave: Periodismo Literario; Geografía del Libro; Machado de Assis.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o geógrafo Milton Santos (SANTOS, 1996), o espaço é constituído por um sistema de objetos, animado um sistema de ações correspondente. Desta forma, cada era técnica é formada por um conjunto de práticas culturais, ações que são modeladas de acordo com as possibilidades técnicas vigentes, que, por sua vez, são repensadas e evoluem no decorrer do tempo. No transcorrer da vida cotidiana, tendemos a não refletir sobre a origem das coisas: nos acostumamos com as características da era técnica na qual estamos inseridos, nos surpreendendo e nos adequando à evolução técnica e tecnológica, sobretudo na era do meio técnico-científico-informacional, na qual as mudanças ocorrem com uma velocidade cada vez maior.

Deste modo, nossa percepção a respeito da “evolução das coisas” muitas vezes se restringe à nossa vivência, comparando o estado atual das técnicas com o da nossa infância, ou recorrendo às memórias de familiares ou às informações adquiridas nos bancos escolares. Desconstruir as informações que nos são postas, a realidade que se apresenta como dada e (re)pensar as origens e a evolução das coisas é uma atitude científica. Neste contexto se insere a Geografia do livro, conceituada por Ogborn e Withers (2010), cujo objetivo é compreender o contexto de produção, circulação e audiência do livro enquanto um objeto material. A Geografia do livro, assim, constitui uma nova perspectiva, um novo olhar sobre a construção e difusão do conhecimento científico, comumente restrita à discussão da evolução das ideias *per se*, se interessando, desta forma, pela materialidade da produção da ciência.

O presente artigo está inserido no contexto da nossa pesquisa de mestrado – em andamento –, na qual ensinamos identificar os lugares de Machado de Assis na cidade do Rio de Janeiro por meio da análise de suas crônicas, publicadas em jornais de 1859 a 1900. A partir do nosso interesse em relacionar Geografia e literatura e instigados pelas novas abordagens possíveis a partir da Geografia do livro, uma indagação se fez presente

e motivou a escrita deste artigo: O que veio primeiro na literatura nacional: o livro ou o folhetim? Em uma resposta rápida, poderíamos optar pelo livro, já que pensar nos grandes autores da literatura nacional pode nos remeter à sua obra editada em livros: pensar em Machado de Assis pode nos induzir a associá-lo automaticamente a *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apesar da considerável atuação do autor nos jornais cariocas, tendo publicado quase quinhentas crônicas, além de contos e poesias.

No entanto, os folhetins publicados em jornais precedem a existência dos livros, uma vez que o sucesso das publicações nos jornais era o termômetro para a edição desse material em livros, cuja produção na segunda metade do século XIX representava um investimento de risco, já que o Brasil, conforme aponta Sodré (1983, p. 242) configurava-se nesta época como “um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros”.

Assim, almejamos neste artigo defender que a atividade dos literatos brasileiros na imprensa foi fundamental para a consolidação da literatura nacional, uma vez que a redação dos jornais do século XIX, quando não havia uma distinção clara entre jornalismo e literatura na imprensa, constituiu-se enquanto *locus* de consagração dos homens das letras. Deste modo, diferentemente do que poderíamos supor inicialmente, não foram os livros que consagraram os literatos brasileiros, mas sim sua intensa atividade prévia nos jornais, uma vez que, dado o alto custo para a produção de livros, só eram editadas obras de autores renomados, já conhecidos e aclamados pelo público, não havendo espaço para novatos e promessas.

Destarte, o presente artigo será dividido em três seções. Na primeira, buscamos compreender o ambiente de produção das crônicas escritas por Machado de Assis (1859-1900) por meio do contexto de desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro do século XIX. Para tanto, serão fundamentais a análise da Geografia do livro de Ogborn e Withers (2010) e de Sodré (1983), com seu “História da Imprensa no Brasil”, que se constitui em uma referência da abordagem deste assunto. Na segunda seção, abordaremos as características do jornalismo literário e seus impactos tanto para o desenvolvimento da imprensa quanto da literatura brasileira. E, por fim, a terceira seção será dedicada a analisar o que chamaremos de “O flunar machadiano pelos jornais cariocas”, na qual pretendemos mapear o movimento de Machado de Assis pelos jornais do Rio de Janeiro, para os quais muito contribuiu.

2. CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA E A GEOGRAFIA DO LIVRO

A chegada da família real ao Brasil em 1808 teve como consequência o incremento de diversas atividades e serviços com a finalidade de atender as necessidades desta nova realidade política brasileira. Dentre essas atividades, encontra-se a imprensa, conforme aponta Gonçalves (2013):

A imprensa brasileira foi criada apenas em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa através da implantação da Imprensa Régia e da Biblioteca do Rei. Antes disso, a metrópole proibia a circulação de livros e periódicos principalmente pelo receio da propagação de ideias contrárias a Corte. O primeiro jornal impresso no Brasil foi a Gazeta do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808, todavia três meses antes havia sido impresso em Londres, idealizado por Hipólito da Costa, o *Correio Braziliense*. (GONÇALVES, 2013, p.4)

A função inicial da imprensa no Brasil era administrativa, um meio de divulgação dos atos do governo, mas que foi se ampliando e diversificando no decorrer do tempo. De acordo com Sodré (1983), a proibição do tráfico negreiro a partir de 1850 culminou na reorganização dos investimentos da elite brasileira, fazendo florescer o comércio e uma nova cultura urbana, o que favoreceu o desenvolvimento da imprensa nacional:

O desenvolvimento do país, marcado, exteriormente, pelo avanço da vida urbana, o crescimento da classe média e o esboço de burguesia que começava a se fazer sentir, permite a ampliação das atividades culturais ligadas à imprensa: o livro e o jornal. (SODRÉ, 1983, p. 206).

É mister considerar o livro e o jornal enquanto produtos possíveis a partir de um determinado arranjo. A técnica disponível e o contexto de produção da imprensa, associados à conjuntura cultural, social e política refletem no produto final obtido. Deste modo, ao analisar as crônicas escritas por Machado de Assis nos jornais cariocas consideramos importante que, para além de estabelecer um recorte temporal, é preciso considerar um recorte contextual, à medida em que cada série de crônicas está inserida em um contexto histórico, político e técnico específico. A série de crônicas intitulada *A semana* (Gazeta de notícias, 1892-1900) – que compreende quase a metade das crônicas

escritas por Machado – está inserida em um contexto político completamente distinto da série *Comentários da semana* (Diário de Notícias, 1861-1862), a primeira já inserida no contexto republicano e da escravidão abolida, assuntos esses que, conforme verificado em Sodré (1983), permearam a imprensa nas décadas anteriores.

Assim, há a necessidade não somente de compreender o conteúdo das crônicas de Machado, mas os contextos nos quais elas foram escritas, assim como o posicionamento dos jornais em que foram publicadas diante de questões históricas que estavam se delineando naqueles momentos e questionar: Teria o posicionamento político dos jornais interferido de algum modo na escrita das crônicas de Machado, contribuindo para inflamar ou arrefecer seu discurso? De acordo com Ogborn e Withers (2010), levar em consideração o ambiente de produção dos livros e, em nosso caso, dos jornais, é fundamental, na medida em que:

Onde aqueles que faziam e vendiam livros eram encontrados, e como esses lugares eram, importavam (...). O caráter dessas localidades, e das próprias casas gráficas, o que poderíamos pensar como sua "geografia cultural", afetou o "status epistêmico percebido" das obras que eles produziram. Essas estranhas misturas de "biblioteca", escritório, estudo, casa, e oficina eram espaços complexos. Eles organizaram tecnologias, habilidades e trabalhadores específicos de maneiras específicas. Eram espaços artesanais nos quais aqueles que trabalhavam com impressos - impressores, compositores, corretores, "diabos", "espíritos" e "moscas" - moldavam a maneira pela qual um texto entrava no mundo como um objeto material. Os muitos processos, decisões e práticas envolvidos fizeram com que os locais de produção tivessem um efeito significativo sobre o que os "livros" realmente eram. (OGBORN&WITHERS, 2010, p.7-8)

Ao longo dos seus 41 anos de atuação como cronista³, Machado de Assis vivenciou não só grandes mudanças no cenário político e social do Brasil, mas também acompanhou o advento da evolução técnica e tecnológica na imprensa brasileira. Machado de Assis testemunhou os progressos empreendidos pela imprensa na segunda metade do século XIX. Conhecia bem todas as dimensões da produção de um jornal, já que teve como primeiro ofício aprendiz de tipógrafo na tipografia de Paula Brito,

³ Machado de Assis atuou intensamente na imprensa brasileira não só como cronista, mas também foi exímio contista, publicou poesias e romances em folhetins (MASSA, 1971; PEREIRA, 2017; GLEDSON, 2006). No entanto, já que nosso objeto de estudo é a crônica, vamos nos limitar a analisar apenas essa faceta do autor, bem como os jornais e período nos quais atuou como cronista: de 1859 a 1900

passando por redator, revisor e colaborador dos principais jornais cariocas (SODRÉ, 1983).

O momento técnico determinava não só o modo de fazer jornal – a quantidade de páginas que os jornais possuíam eram determinadas não pelos caprichos do redator, mas pelo maquinário existente: continham quatro páginas até a chegada de novo maquinário que permitisse a impressão de mais páginas –, mas também o seu espraio. O local de consumo dos jornais estava atrelado aos locais de produção, devido às dificuldades de transporte. Conforme aponta Sodré (1983, p. 208), “a distribuição de jornais – e, também, ainda que menos, a de livros – dependia, entretanto da escassa rede de comunicações terrestres e marítimas, e do incipiente serviço de Correios”. Por outro lado, essa adversidade contribuiu para o surgimento de jornais locais, já que dificultava “que os jornais da Corte e das capitais de província se difundissem, ilhados onde se editavam e pouco além” (SODRÉ, 1983, p. 199). Sendo assim, os jornais não se restringiam à Corte: nas províncias havia jornais locais, que seguiam as tendências do jornalismo literário em voga.

Portanto, as restrições geográficas no que diz respeito ao transporte tanto dos jornais quanto das notícias que o compoariam refletem diretamente não só na sua circulação, como também em seu conteúdo e na proliferação de jornais locais. Essa é uma questão que deve ser considerada ao analisar a geografia do livro, proposta por Ogborn & Withers (2010), uma vez que

Essas geografias devem ser mais do que apenas mapear a distribuição de impressores, impressoras e palavras impressas. Como argumentamos, a geografia do livro entra na própria natureza do livro em si. As questões geográficas, e podem ser de diferentes tipos, tratam de questões fundamentais da produção, distribuição e consumo de livros. Devemos, ao mesmo tempo, explorar os lugares locais em que os materiais escritos foram produzidos e seu impacto na natureza dos livros como objetos materiais e significativos; os padrões de dispersão e modalidades de movimento através dos quais os livros viajaram, e as implicações daqueles para as formas de conhecimento; e o posicionamento geográfico de leitores cujas práticas de leitura localizadas determinam como os livros foram consumidos. (OGBORN;WITERS, 2010, p. 10)

Assim, além do acesso atrasado aos jornais devido às dificuldades de circulação expostas, também as notícias que os compunham possuíam uma defasagem temporal,

uma vez que as estrangeiras eram adquiridas por meio de pacotes, e as nacionais chegavam por cartas transportadas via terrestre. Como exemplo, em edição de 19 de agosto de 1830 do Correio Mercantil, em seção denominada *Notícias Estrangeiras*, lê-se: “O pacote inglês chegado a 15 trouxe gazetas até 25 de junho”, em seguida informando os leitores das novas-velhas notícias. Já na edição de 09 de setembro de 1856, observamos que o jornal era composto por correspondências que traziam notícias de diferentes localidades no Brasil, como Rio Grande do Sul, com notícias de 25 de agosto e correspondências do Pará, com notícias de 13 de agosto daquele ano.

De acordo com Sodré (1983, p. 215), “até 1874, as notícias do exterior chegavam por carta. Nesse ano, a agência telegráfica *Reuter-Havas* instalou, no Rio, sua primeira sucursal (...) Na edição de 1º de agosto de 1877, o Jornal do Comércio publicava os primeiros telegramas por ela distribuídos”. Machado de Assis, em crônica publicada em 1898 na Revista Brasileira, relembrou o tempo em que a imprensa dependia da chegada dos pacotes para obtenção de informação, ao recordar um acontecimento: “A notícia deste ato entrou no Rio de Janeiro, como as outras desse tempo, em que não havia telégrafo. Os sucessos do exterior chegavam-nos às braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um ato diplomático eram conhecidos com todos os seus pormenores” (ASSIS, 1898).

Portanto, diferentemente do que observamos atualmente, em que a imprensa nos atualiza em tempo real e oferece aos seus leitores as notícias do dia, a imprensa do século XIX dependeu durante muito tempo de diversos atravessadores para a obtenção da informação, que chegava ao leitor com um atraso considerável para os padrões atuais. Visconde de Taunay, em seu livro “Reminiscências”, faz uma análise da recepção da publicação em folhetim de o Guarani, de José de Alencar, destacando não só o impacto da publicação no Rio de Janeiro, detalhes de sua circulação e as dificuldades de sua obtenção, pela narrativa da repercussão de sua chegada a São Paulo, assuntos esses que são de extremo interesse da Geografia do livro:

Em 1857, talvez 56, publicou o *Guarani* em folhetim no Diário do Rio de Janeiro, e ainda vivamente me recordo do entusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, desconhecida nesta cidade tão entregue às exclusivas preocupações do comércio e da bolsa, entusiasmo particularmente acentuado nos círculos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeita ao simples influxo da literatura, com exclusão das exaltações de caráter político.

Relembrando, sem grande exageração, o célebre verso: *Tout Paris pour Chimène a les yeux de Rodrigue*, o Rio de Janeiro em peso, por assim dizer, lia o Guarani e seguia comovido e enleado os amores tão puros e discretos de Ceci e Peri e com estremecida simpatia acompanhava, nos meios dos perigos e ardis bugres selvagens, a sorte vária e periclitante dos principais personagens do cativante romance, vazado nos moldes do indianismo de Chateaubriand e Fenimore Cooper, mas cujo estilo é tão caloroso, opulento, sempre terso, sem desfalecimento e como perfumado pelas flores exóticas das nossas virgens e luxuriantes florestas. Quando a S. Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervalos então, reuniam-se muitos e muitos estudantes numa república, em que houvesse qualquer feliz assinante do Diário do Rio, para ouvirem, absortos e sacudidos, de vez em quando, por elétrico frêmito, a leitura feita em voz alta por alguns deles, que tivesse órgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciência e pelas ruas se via agrupamentos em torno dos fumegantes lampiões da iluminação pública de outrora – ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor. (TAUNAY, 1932, p. 85-86)

A Geografia do livro no Brasil é anterior à concepção do livro enquanto objeto material, se considerarmos a produção literária nacional, uma vez que sua compreensão não se restringe à produção do livro em si, mas incorpora a sua produção fragmentada nos jornais pelos folhetins. A riqueza da narrativa realizada por Taunay (1932) nos permite indicar a Geografia do livro de *o Guarani*, uma vez que, de acordo com Ogborn e Withers (2010, p. 23) “produção, circulação e consumo tem que ser considerados conjuntamente”

Desta forma, as práticas de leitura e as formas de acesso às obras possuem o mesmo peso na Geografia do Livro do que o contexto de produção, já que essas três dimensões estão imbricadas. Assim, investigar como o livro ou, em nosso caso, o jornal, foi lido e como os indivíduos tiveram acesso a ele, considerando essa prática de leitura coletiva, nos abre um caminho instigante de pesquisa, uma vez que informações sobre tiragem não seriam suficientes para dar conta dessa geografia, tampouco os dados referentes a assinantes dos jornais ou população alfabetizada, conforme propõe Gonçalves (2013), uma vez que o acesso e espraio do conteúdo dos jornais é potencializado pelas rodas de leitura: quem as frequentava? Há registros desses encontros? Todos eram alfabetizados? Essas indagações, caras à Geografia do livro, não são de fácil solução, requerendo uma pesquisa mais aprofundada.

Em crônica publicada no jornal *Correio Mercantil* em 10/01/1859, intitulada *O jornal e o livro*, Machado de Assis indagou: “O jornal matará o livro? O livro absorverá

o jornal?”. A crônica dedica-se a discutir o advento da imprensa e o papel do jornal e do livro na disputa da transmissão de ideias, na qual Machado mostra-se partidário do jornal como melhor forma de comunicação:

O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana. O livro não está decerto nestas condições; — há aí alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é — movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. O panfleto não vale um artigo de fundo. Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. (ASSIS, 1859a, s/p.)

Esta citação de Machado de Assis é oportuna, na medida em que pretendemos aqui delinear as relações estabelecidas entre imprensa e literatura observando, a partir do desenrolar dessa relação profícua, o amadurecimento e desenvolvimento mútuo do jornalismo e da literatura nacional. Machado é categórico ao afirmar que “o jornal é mais que o livro” (ASSIS, 1859a). Parafrazeando o autor, entendemos que o livro é antes o jornal, uma vez que a partir do trabalho na imprensa os autores brasileiros se lançaram para o mundo.

Sendo assim, a vida literária nos jornais foi fundamental para a consolidação da literatura nacional, sendo a produção literária em livro consequência de anos de dedicação e aclamação nas redações dos jornais. Mais popular que o livro, o jornal possui também uma interessante geograficidade: se discussão é movimento e movimento é geografia, todo o contexto acerca das condições geográficas de produção, circulação e recepção do jornal aqui colocadas, interessam ao geógrafo.

3. CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário refere-se a uma singular fase do jornalismo brasileiro em que a presença de literatos na produção dos jornais era significativa, o que contribuiu não somente para a consolidação da literatura nacional, como também da própria imprensa,

uma vez que a história e o desenvolvimento desses dois campos acabaram por fundir-se durante o século XIX.

O casamento entre jornalismo e literatura foi bem-sucedido, uma vez que ao mesmo tempo em que a produção literária foi responsável por alavancar as vendas dos periódicos, os homens das letras nacionais encontravam nos jornais um eficiente meio de divulgação de seu nome, pensamento e obras, conferindo-lhes visibilidade:

Os homens das letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível (...) No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume *O Momento Literário*, uma das perguntas era esta: ‘O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?’ A maioria respondeu que bom, naturalmente. Félix Pacheco esclareceu com exatidão: ‘Toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa (SODRÉ, 1983, p. 292)

Sodré (1983, p. 225) define a Gazeta de Notícias, criada em 1874, como um jornal formado por “jornalistas e não homens de letras”, o que sugere uma profissionalização dos jornalistas. Entretanto, será neste jornal que, de 1891 a 1900, Machado de Assis publicará sua maior e mais destacada série de crônicas: A Semana. Sendo assim, podemos dizer que, ao mesmo tempo que havia um movimento para tornar o jornalismo mais objetivo e profissional, a literatura ainda permaneceu em papel de destaque no jornalismo brasileiro até o fim do século XIX.

Concomitantemente, a década de 1960 é marcada pela proliferação de periódicos literários. Com o advento e popularização das revistas ilustradas, ocorreu um espraiamento do conteúdo literário também para essas revistas. Assim, o jornalismo literário brasileiro não se restringiu a atuação dos homens das letras nos jornais. A literatura nacional assenhorou-se também dos espaços das revistas ilustradas. Ao descrever a *Semana Ilustrada*, Sodré (1983) enumera alguns dos colaboradores ilustres da revista:

Publicava poesias, crônicas, contos – as crônicas sob a responsabilidade do Dr. Semana [Machado de Assis], figura obrigatória da ilustração da capa, de que se pretendia fazer um tipo, comentando os assuntos da semana com o seu moleque, pequeno escravo que lembrava personagem da peça de Alencar, *O Demônio familiar*. Pela semana Ilustrada passaram os mais conhecidos escritores e jornalistas da época:

Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, etc. (SODRÉ, 1983, p. 205)

Até o século XIX os jornais não contavam com escritores em suas redações. A partir de então, verifica-se um aumento da influência da literatura no jornalismo. De acordo com Gonçalves (2013), “neste período, o jornalismo literário tornou-se um ‘fenômeno universal’, apresentando o folhetim como principal instrumento da junção entre jornalismo e literatura.” (GONÇALVES, 2013, p. 1). Com base em Sodré (1983) e no exposto por Gonçalves (2013), podemos considerar que o folhetim se configurou como a porta de entrada para a literatura, alavancando as vendas dos jornais e “prendendo” o leitor/consumidor do jornal, que aguardava o desenrolar dos romances:

O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura, principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo na Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia analfabetos, que eram a maioria. (SODRÉ, 1983, p. 243)

Gonçalves (2013) destaca que, de acordo com Arnt (2001), o jornalismo literário no Brasil está compreendido no período de 1852 a 1908. Essas datas são simbólicas e marcam dois importantes eventos na literatura e jornalismo nacionais: 1852 refere-se à publicação do primeiro folhetim brasileiro, enquanto 1908, o ano do falecimento de Machado de Assis, marca o fim do jornalismo literário no Brasil. Sodré (1983, p. 303) entende a morte de Machado como o marco do fim da literatura oitocentista, considerando ainda que “o tom melhor do jornalismo literário é dado por Machado de Assis” (SODRÉ, 1983, p.198), o que demonstra o protagonismo de Machado em relação ao jornalismo literário nacional.

O primeiro romance brasileiro em folhetim foi *As Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, publicado entre 27 de julho de 1852 e 31 de julho de 1853, no Correio Mercantil. O romance apareceria em livro em 1854 e 1855, ou seja, posteriormente a sua publicação em folhetim (SODRÉ, 1983, p. 190), reforçando a premissa do sucesso do folhetim para a sua posterior edição em livros.

Sobre a prática do folhetinista e do espraiamento do folhetim pelo mundo, Machado de Assis escreveu em crônica de 1859:

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno: falo do jornal. (...) Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil. (ASSIS, 1859b, s/p.)

No entanto, apesar da crítica de Machado acerca da perda de identidade e possível “afrancesamento” dos escritores brasileiros, diferentemente dos autores europeus, os autores brasileiros não tentaram se adequar ao modelo de escrita dos folhetins europeus. Em 1880, o próprio Machado publicou em folhetim o primeiro de seus grandes romances na Revista Brasileira, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que seria editado em livro no ano seguinte (SODRÉ, 1983).

Se no jornalismo literário mundial o folhetim representou o enlace entre jornalismo e literatura, no Brasil não houve um protagonismo isolado do folhetim, uma vez que a colaboração dos literatos brasileiros na publicação de crônicas ocorreu simultaneamente à popularização dos folhetins brasileiros. Desta forma, se em 1852 tivemos a publicação do primeiro folhetim brasileiro, em 1854 José de Alencar “passou a escrever crônicas, no rodapé domingueiro da primeira página, passando em revista os acontecimentos da semana” (SODRÉ, 1983, p. 190). Já em 1859, foi a vez de Machado de Assis estreitar como cronista no jornal *Correio Mercantil*. Assim, a partir de meados da década de 1850, tem início “a época dos homens das letras fazendo a imprensa” (SODRÉ, 1983, p. 192). Para além dos folhetins, Barbosa (2007) defende a consolidação da literatura brasileira nos jornais a partir de outros gêneros, como a crônica e do conto. A importância da crônica não passa despercebida por Gonçalves (2013), que destaca Machado de Assis como responsável pelo amadurecimento desse gênero literário:

Outra manifestação dos escritores na imprensa se dava através das crônicas (...) a crônica moderna nasceu através do consagrado folhetim. Machado de Assis atuou como cronista amadurecendo o gênero literário, como afirma Arnt (2001). Além dele, em 1854, José de Alencar passou a publicá-las no jornal *Correio Mercantil*, sendo considerado por Hérís Arnt (2001), o segundo passo em direção ao jornalismo literário. (GONÇALVES, 2013, p. 6-7)

Portanto, apesar de alguns autores, como Gonçalves (2013) defenderem o folhetim como a locomotiva da aproximação entre jornalismo e literatura, acreditamos que o que torna o jornalismo literário brasileiro tão potente é justamente a atuação dos literatos em diversos gêneros, concomitantemente. Ou seja, não há como delimitar uma fase poeta, contista, cronista ou folhetinista de autores como Machado de Assis, pois seu brilhantismo está também na pulsante diversidade de sua obra que crescia em diferentes frentes de trabalho, facetas simultâneas.

Outra dimensão da importância da imprensa para a consolidação da literatura nacional se refere à atuação dos literatos brasileiros como correspondentes dos jornais. Não fosse Euclides da Cunha enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo* ao conflito de Canudos, em 1897 como correspondente de guerra, não haveria *Os Sertões* (SODRÉ, 1983, p. 269). Foi a partir desta expedição, de suas anotações de campo e correspondências enviadas que um dos principais romances da literatura nacional se tornou possível.

Conforme aponta Sodré (1983, p. 241), os anos 1890 não representaram apenas “uma grande época política; não por coincidência, é também uma grande época literária”. No entanto, a partir de meados dessa década e, mais precisamente, a partir da virada para o século XX, a literatura foi perdendo espaço nos jornais. Isso se deve ao fato do jornalismo gradativamente ter amadurecido sua forma e discurso, havendo uma mudança no *layout* dos jornais, além da transformação no modo de fazer jornal no que diz respeito aos assuntos tratados e na forma como eram escritos: a ênfase passou a ser a notícia, o fato, a informação, em detrimento da opinião, o que expressa o declínio do protagonismo da literatura nos jornais e, por sua vez, a derrocada do jornalismo literário brasileiro:

As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde serão os famigerados suplementos literários (...). É um pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. Nelas é que irão se refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa; as revistas passarão, pelo menos nessa fase, por um período em que são principalmente literárias, embora também um pouco mundanas e, algumas, críticas. (SODRÉ, 1983, p. 297)

Portanto, para compreender a geografia e história da literatura brasileira, é fundamental recorrermos aos jornais e revistas publicadas no Brasil a partir da segunda metade do século XIX e primeira década do século XX, analisando as nuances do jornalismo literário. Pretendemos aqui demonstrar quão imbricados foram jornalismo e literatura desde a sua origem, desenvolvendo-se mutuamente e distanciando-se conforme foram adquirindo autonomia.

4. O FLANAR MACHADIANO PELOS JORNAIS CARIOCAS

Nesta seção, pretendemos abordar o percurso de Machado de Assis na imprensa nacional, considerando apenas sua atividade nos jornais e revistas como cronista. Essa delimitação por gênero se faz necessária devido ao volume e complexidade da obra machadiana, visto que Machado contribuiu por décadas na imprensa, conforme aponta Pereira (2017):

A não ser de setembro de 1878 a outubro de 1879, quando esteve doente, nunca, dos dezesseis aos cinquenta e oito anos, de 1855 a 1897, dos versos da *Marmota* à ‘Semana’ da *Gazeta de notícias* deixou de colaborar regularmente na imprensa. E, em regra, escrevia para vários lugares ao mesmo tempo. (PEREIRA, 2017, p. 158)

Visto que o foco da nossa pesquisa se refere aos lugares de Machado de Assis no Rio de Janeiro, vislumbramos neste artigo contribuir para o entendimento da sua geografia mediante o flunar machadiano pelas redações dos jornais e revistas cariocas. Para tanto, utilizamos a cartografia como ferramenta para melhor compreensão dos lugares de pausa e movimento de Machado de Assis pela cidade, obtendo como produto um mapa que possibilita a visualização da espacialidade machadiana no centro da cidade do Rio de Janeiro (Figura 1).

Para chegar a este resultado, recorreremos ao acervo digital da Biblioteca Nacional (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, c2020), no qual tivemos acesso a edições de jornais e revistas nos quais Machado atuou como cronista. Desta maneira, foi possível obter a informação acerca da localização das redações desses órgãos da imprensa do século XIX que compõem o mundo vivido do autor em tela.

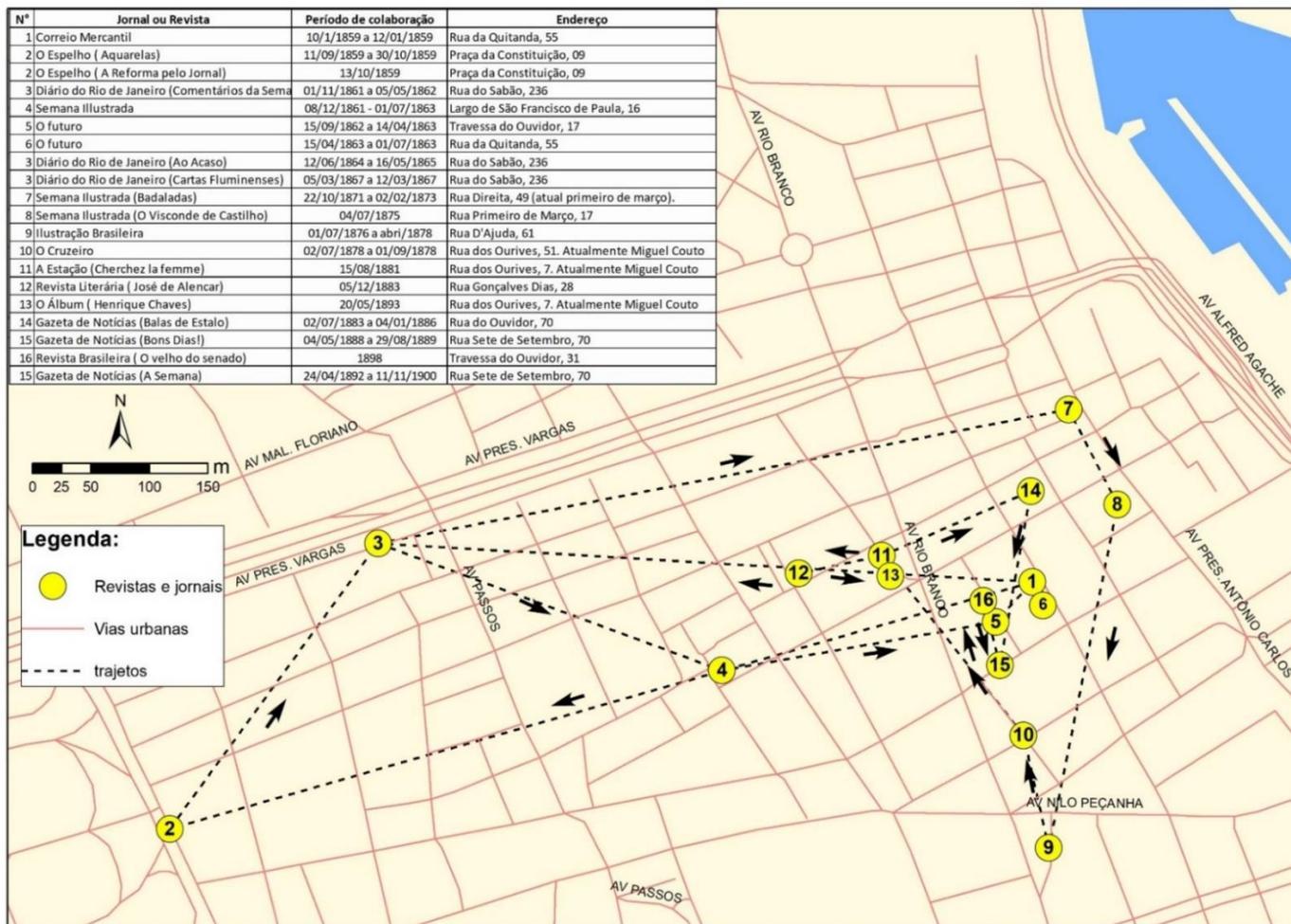
Assim, a partir da ciência dos períodos trabalhados por Machado em cada jornal ou revista, foram consultadas edições referentes aos respectivos períodos para a

confirmação dos endereços dos órgãos de imprensa, comumente impressos na primeira página das edições. Foram considerados tanto endereços das redações quanto os que diziam respeito à aquisição de assinaturas dos jornais e revistas. A tabela que compõe o mapa encontra-se ordenada cronologicamente, de acordo com a atuação de Machado nas revistas ou jornais que, por sua vez, estão numerados ordinalmente de acordo com a atuação do autor.

Como resultado, podemos observar uma intensa movimentação de Machado de Assis pelo centro da cidade do Rio de Janeiro, com uma concentração das atividades de Machado nas proximidades da atual Avenida Rio Branco. Optamos por utilizar uma base cartográfica atualizada com o objetivo facilitar o entendimento do leitor com relação aos nomes de ruas e distâncias visto que, devido à remodelação do centro da cidade promovida principalmente pela reforma empreendida por Pereira Passos, houve a extinção de algumas ruas e criação de avenidas, como a Rio Branco, à época conhecida como Avenida Central.

Mais do que um local de trabalho, a imprensa carioca era um lugar onde Machado de Assis se realizava, expunha suas ideias, aprofundava suas relações com colegas de profissão e vivia a cidade. De acordo com o geógrafo Yi-fu Tuan, sentir um lugar leva tempo: “se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos (...) é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p. 203). Podemos considerar que, ao longo dos 41 anos em que Machado transitou pelas redações dos jornais e revistas escrevendo suas crônicas, no vai-e-vem das ruas e lugares, o autor incorporou a cidade do Rio, dia após dia, em seus músculos e ossos, de tal maneira que a Geografia do Rio de Janeiro pode ser contada e recontada fascinantemente a partir do olhar e dos passos machadianos.

Figura 1: O flunar machadiano pelos jornais e revistas cariocas



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo esmiuçar as relações existentes entre o desenvolvimento da imprensa e da literatura nacional, por meio da análise do período conhecido como jornalismo literário, no qual grandes nomes da literatura nacional contribuíram assiduamente nos jornais e revistas que circularam no Brasil no século XIX, dentre eles, em especial, Machado de Assis.

No intento de mapear a atuação de Machado nas redações dos jornais e revistas cariocas como cronista, foi possível visualizar o itinerário geográfico do maior autor brasileiro, seus lugares de pausa e de fluxo, de modo a melhor compreender a espacialidade machadiana na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de elucidarmos algumas questões, como o entendimento da produção nos jornais, sobretudo dos folhetins, como condição para uma posterior edição das obras em forma de livro, esta pesquisa possibilitou, mais do que dar respostas, suscitar novas perguntas, em especial a respeito da recepção e espraiamento da literatura produzida na imprensa do século XIX, que certamente se constituirão em objeto de pesquisas futuras.

Por fim, a quebra de paradigma possibilitada pelas pesquisas norteadas pela Geografia do Livro nos possibilitou uma nova forma de ver a pesquisa, um giro no olhar, mediante essa instigante abordagem que preza pela curiosidade científica em compreender a origem e a materialidade dos objetos, em nosso caso representados pelos jornais e revistas cariocas do século XIX. Assim, a Geografia do Livro constitui-se em um desafiador e estimulante caminho até então inexplorado em nossa pesquisa.

6. REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. O Jornal e o Livro. *Correio Mercantil*, 10 jan.1859a. In: ASSIS, Machado de. *Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa* (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. Aquarelas, *O Espelho*, 11 de Set. 1859 a 30 de Out. 1859b. In: ASSIS, Machado de. *Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa* (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. A Semana, *Gazeta de Notícias*, 08 jan.1893. In: ASSIS, Machado de. *Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa* (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

ASSIS, Machado de. O Velho Senado. Revista Brasileira, 1898. In: ASSIS, Machado de. *Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa* (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.

BARBOSA, Socorro de F. P. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, 104p.

GLEDSON, John. Por um novo Machado de Assis: ensaios. São Paulo: Companhia das letras, 2006. 452p.

GONÇALVES, Mariana C. O jornalismo literário no século XIX: A imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. In: *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal (RN), 22 a 26 de julho de 2013.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital, c2020. Página inicial. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 27 de set. de 2020.

MASSA, JEAN-MICHEL. *A Juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971. 698p.

OGBORN, Miles; WITHERS, Charles W. J. *Geographies of the Book*. Farnham: Ashgate, 2010, 302p.

PEREIRA, Lúcia M. *Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico*. 6ª Ed., Edições do Senado Federal, 2017, 288p.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996, 388p.

SODRÉ, Nelson W. *A História da imprensa no Brasil*. 3ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1983, 528p.

TAUNAY, Visconde de. *Reminiscências*. 2ª ed., São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1932, 217p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ub00038a.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

Recebido em 26/03/2020.

Aceito em 04/09/2020.

Publicado em 15/10/2020.